

AUTORES E PUBLICAÇÕES

PERFIS

VIDA, OBRA E MORTE DE FELIX GUATTARI

Guattari: encontros e desencontros

*Nilson Borges Filho**

I

Na abertura do seu último livro “As Aventuras da Liberdade”, Bernard-Henri Lévy, um dos chamados novos filósofos franceses, chama a atenção para um detalhe, aparentemente comum, porém de alto significado. Não pelo inusitado, mas, principalmente, pela forma trágica de iniciar sua história, sem, contudo, desprezar seu lado instigante.



Pergunta Lévy: “Que morto ilustre acompanham assim? Estamos realmente certos, como diz a crônica social, de que se trata de Jean Paul Sartre? Não poderiam ser também, já que desaparecem quase ao mesmo tempo, os filósofos Michel Foucault ou Maurice Clavel? O doutor Jacques Lacan, mestre de pensamento à sua maneira, ou ainda Roland Barthes? E o que dizer, enfim, de Louis Althusser que, antes de morrer propriamente, entrou numa noite tão estranha?”(1).

Quase que adivinhando o raciocínio de Lévy, o jornalista Marcelo



Coelho, na resenha da autobiografia de Althusser, “O Futuro Dura Muito Tempo”, expõe as aproximações existentes entre Sartre e o estruturalismo-marxista: “O ódio contra si mesmo, o prodígio cruel de uma inteligência voltada para o auto-desprezo, a extrema precisão e mesmo o humor da linguagem aproximam Althusser e Sartre. O tema da impostura aparece tanto em “As Palavras” quanto em “O Futuro Dura Muito Tempo”. Sartre (pelo menos é o que ele dizia) acreditava—se um gênio, um escritor, desde os dez anos de idade: à custa de plágios, de desonestidades e de artimanhas, terminou constituindo—se, diz, no monstro sagrado que foi de fato. Althusser conta de que modo, nos primeiros anos de sua carreira acadêmica: “colou” provas e trabalhos de seus colegas; expõe a público suas deficiências de formação filosófica”(2).

Paira um certo mistério nessa espécie de intelectuais. Mistérios esses, de certa forma, indecifráveis para os não iniciados na vida e obra de Foucault, Sartre, Barthes, Althusser e do últimos dos marxistas convictos, Nicos Poulantzas.

II

Tivesse retardado em alguns meses sua investigação, Lévy, com certeza, indagaria: “Que morto ilustre acompanham assim? Estamos realmente certos, como diz a crônica social, de que se trata de Jean Paul Sartre? Não poderiam ser também, já que desapareceu quase ao mesmo tempo, os filósofos Michel Foucault, Maurice Clavel ou Félix Guattari?” Aquele Guattari que esteve aqui em Florianópolis debatendo suas teses com alunos e professores da UFSC e em São José, em plena praça, ao ar livre, com estudantes, passantes e curiosos. Tudo isso em plena primavera (setembro, 17 e 18) do ano de 1982.

É quase que impossível definir, com precisão, o campo de preocupação de Félix Guattari. Psicanalista? Filósofo? Político? Militante? Teórico? De tudo um pouco, muitas podem ser suas apresentações. Sozinho ou acompanhado de Deleuze, Guattari deixou em livros e artigos a marca do teórico que estava aberto aos contínuos deslocamentos do pensamento contemporâneo, seguindo de perto a trajetória dos movimentos sociais.

A psicanalista brasileira Suely Rolnik, observadora atenta dos movimentos deste autor, assim se pronuncia: “Do Guattari teórico, acompanhamos momentos do trabalho minucioso de conceitos com Marx, com Freud, com Proust, com os estruturalistas e com muitos outros”(3). Emergem daqui as primeiras aproximações de Guattari com Althusser. Se Guattari foi de encontro ao estruturalismo, não há dúvida de que por lá contactou com Althusser. Por outro lado, se Althusser

entreviu no pensamento freudiano, com certeza, encontrou-se com Guattari. Mas foi a partir de Marx que ambos viveram, cada um a seu modo, o momento da catarse que, segundo Gramsci, é “a passagem do momento egoísta-passional ao momento ético-político”(4). Porém, o encontro de Althusser com Marx foi mais doloroso, uma vez que, por consequência, teve que romper com o catolicismo. Nem Pascal nem Bergson - mas Karl Marx, dizia Althusser (5).



No tratamento para doentes mentais Guattari foi um inovador e sua clínica, mais conhecida pelo nome de La Borde, situada na região de Loir-et-Cher, tornou-se um novo paradigma no campo da psiquiatria. Sua clientela era formada, principalmente, por cientistas e intelectuais. Paradoxalmente, depois daquela decisiva noite quando estrangulou a mulher Hélène e entrou em profundo estado de depressão, Althusser foi internado na clínica Sainte-Anne e no sanatório Les Eaux Vives, conhecidos pelas práticas tradicionais no tratamento de doenças mentais. Althusser,

em “O Futuro Dura Muito Tempo”, descreve em detalhe com eram os choques elétricos. Ao contrário, Guattari e sua clínica modelo, instituíram ali aquilo que ficou conhecido como a antipsiquiatria, nos moldes da clínica de Basaglia na Itália. Este desencontro, da antipsiquiatria de Guattari e da loucura de Althusser, jamais poderia ter acontecido. Althusser foi uma presa infeliz do próprio destino.

III

Ao mesmo tempo em que chegava às prateleiras das livrarias a autobiografia de Althusser, desaparecia, na França, esse teórico de gênio: Félix Guattari. No Brasil, vivia-se o movimento pelo “impeachment” do presidente. Jovens de caras-pintadas saíam às ruas trazendo a alegria e o deboche à prática política. Em tese, tentavam recuperar os anos 60, que Guattari e Althusser participaram, de uma forma ou de outra.

Dá-se um novo encontro: de Althusser, que influenciou toda uma geração, tanto na França quanto alhures; de Guattari, que deu um novo conteúdo teórico ao conhecimento da psicanálise e da política, trabalhando com o que denominou de “revolução molecular”, e do movimento de rua brasileiro que exigia a ética na política, a moralidade pública e, por via de consequência, o afastamento de um presidente acuado pelas denúncias de corrupção de seu governo. Reencontram-se a psicanálise e a política. De um lado, os caras-pintadas transformando aquilo que não ia dar em nada (CPI), num dos maiores movimentos de massa ocorridos no Brasil; de outro, um presidente em claro processo de desestruturação mental. Segundo Baudrillard, em “A Sombra das Maiores Silenciosas”, não há poder, nem saber, que sobreviva ao efeito corrosivo do movimento das massas.

Guattari não deixava por menos e pedia, em 68, que se acabasse com a “chantagem de cientificidade dos conceitos” emitidos pelos “burocratas da teoria”. Tudo bem com a batalha semiológica, dizia Guattari, “mas esse troço é um pouco como Nanterre, com a sociologia em 68, ou em Ulm, com a epistemologia, ou em Sainte-Anne com a psicanálise” (6). Uma clara alusão à sociologia de Touraine, à epistemologia althusseriana na Escola Normal Superior, situada na “rue d’Ulm”, e à psicanálise lacaniana, nos seminários do Hospital Sain-te-Anne, o mesmo em que, mais tarde, Althusser esteve internado.



Esses desencontros teóricos não colocavam, em definitivo, Althusser e Guattari em campos opostos. Guattari

2 of 3 21/08/2000 17:54 BuscaLegis.ccj.ufsc.br file:///Platao/www/arquivos/RevistasCCJ/Seque...orges_Filho-Vida_e_obra_de_felix_guattari.html

buscava, em regra, recompor o discurso político, sociológico e psicanalítico, contrapondo “a potência do discurso da ordem com a potência do desejo contra a ordem do discurso” (7).

No Brasil, os caras-pintadas não lutaram contra a autoridade do governo, como foi, na França, em maio de 68. Não se insurgiram, tampouco, contra a sociologia uspiana e a psicanálise oficial. As motivações brasileiras eram outras, mas o conteúdo e a forma eram as mesmas: queremos ser ouvidos, pois também temos algo a dizer e reivindicar. Com certeza, Guattari e Althusser passaram ao largo dos movimentos de rua do “Brasil Novo”, mas a academia reproduziu, a partir dos anos 70, a movimentação teórica que fazia da França o principal pólo de inquietação intelectual, que inconscientemente desembocou, com duas décadas de atraso, no imaginário popular da juventude brasileira.

Os caras-pintadas brasileiros tomaram de assalto as ruas das principais cidades brasileiras, e sob o símbolo da cor preta, revolucionaram a práxis política do movimento de massa. Guattari, se estivesse vivo, adoraria.

* Doutor em direito e professor da UFSC.

(1) LÉVY, Bernard-Henri. *As Aventuras da Liberdade. Uma história subjetiva dos intelectuais*, Companhia das Letras, São Paulo, 1992.

(2) Folha de São Paulo de 7 de outubro de 1992, p. 4-8.

(3) Prefácio de Suely Rolnik para a versão brasileira de *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*, de Félix Guattari, Brasiliense, São Paulo, 1981, p. 7 e 8.

(4) PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Paz e Terra, São Paulo, p. 53.

(5) LÉVY, Bernard-Henri. *Op. Cit.* p. 394. (6) GUATTARI, Félix. *Op. Cit.* p.58

(7) *Ibid.* p.56.